

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**A ECONOMIA DO PETRÓLEO E A DOENÇA  
HOLANDESA: IMPACTOS PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA GANENSE  
(1990-2008)**

EDINAM AFUA ADZOSII  
**matrícula nº: 105010190**

**ORIENTADOR: Prof. Helder Queiroz Pinto Junior**

**MARÇO 2009**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**A ECONOMIA DO PETRÓLEO E A DOENÇA  
HOLANDESA: IMPACTOS PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA GANENSE  
(1990-2008)**

---

EDINAM AFUA ADZOSII  
matrícula nº: 105010190

**ORIENTADOR: Prof. Helder Queiroz Pinto Junior**

**MARÇO 2009**

*As Opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do (a) autor(s)*

Dedico este trabalho ao meu tio Roland R.S. Agbenoto , que de uma maneira ou de outra contribuiu para a minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me protegeu e me guiou até o final do curso, o meu tio (falecido) Major R.S Agbenoto que fez esse sonho uma realidade, meus pais Rejoice e Seth Kwawu ,meus irmãos ,o restante da minha família, e Derek pelo seu apoio esse tempo todo que fiquei fora de casa .

Agradeço todos os meus colegas que ficarem no meu lado nos momentos mais difíceis da minha formatura .Um agradecimento especial vai para o meu orientador Prof Helder Queiroz Pinto Júnior por ter me orientado neste trabalho.

Gostaria de agradecer também o Ghana scholarship secretariat, pela a oportunidade de estudar aqui no Brasil.

Deixo também os meus agradecimentos aos todos os Professores do Instituto de Economia da UFRJ que de todas as formas contribuírem para minha formação.

## **RESUMO**

O objetivo principal deste trabalho é discutir o comportamento da atividade Petrolífera e seus impactos sobre o desenvolvimento de Gana e demonstrar como Gana pode evitar a doença Holandesa, diante de sua nova descoberta de Petróleo.

Apresenta-se também uma breve discussão sobre a importância do petróleo em Gana e determinar as características da doença Holandesa, os seus efeitos sobre os países em desenvolvimento e os possíveis meios de curar tal doença.

## **SÍMBOLOS, ABREVIATURAS, SIGLAS E CONVENÇÕES.**

**Doença Holandesa:** Desindustrialização da economia de um país que ocorre quando a descoberta de recursos naturais eleva o valor da moeda desse país, fazendo com que os produtos industrializados fiquem menos competitivos se comparados a produtos de outros países, aumentando as importações, e diminuindo as exportações. O termo originou-se na Holanda, após a descoberta de gás no Mar do Norte.

(Fonte: <http://www.investorwords.com>)

**Upstream:** Termo da indústria petrolífera que se refere às atividades de exploração e produção de petróleo e gás natural..

**Downstream:** Termo da indústria petrolífera utilizado em alusão a todas as atividades petrolíferas, desde o processo de refino do óleo cru transformando-o em produtos derivados do petróleo até a distribuição, comercialização e remessa dos produtos.

**Gás Natural Liquefeito (GNL):** Fluidos obtidos durante a produção de gás natural, incluindo: etano, propano, butano e condensados.

(Fonte: <http://www.careersinoilandgas.com/general/glossary.cfm>)

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>Onshore :</b> | Terra   |
| <b>Offshore:</b> | Mar   |
| <b>Opep:</b>     | Organização dos Países Exportadores de Petróleo |
| <b>GNPC:</b>     | Ghana National Petroleum Corporation            |
| <b>BOST:</b>     | Bulk Oil Storage and Transportation Company     |
| <b>WTO:</b>      | World Trade Organization                        |
| <b>PNDC:</b>     | Provisional National Defense Council            |
| <b>JMC:</b>      | Joint Management Committee                      |

## ÍNDICE

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>CAPÍTULO I – A DOENÇA HOLANDESA.....</b>                               | <b>11</b> |
| I.I. UMA VISÃO GERAL DA DOENÇA HOLANDESA.....                             | 11        |
| I.II. SINTOMAS,CAUSAS E EFEITOS DA DOENÇA HOLANDESA.....                  | 13        |
| I.III. OPEP E A DOENÇA HOLANDESA.....                                     | 14        |
| I.IV. TRANSFORMAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS EM UMA<br>BENÇÃO.....           | 15        |
| <b>CAPÍTULO II –ÁFRICA. E A DOENÇA HOLANDESA.....</b>                     | <b>19</b> |
| II.I-PETRÓLEO E ÁFRICA.....   | 19        |
| II. II-NIGÉRIA E A DOENÇA HOLANDESA.....                                  | 23        |
| II.III-GABÃO E A DOENÇA HOLANDESA.....                                    | 24        |
| II. IV-ANGOLA E A DOENÇA HOLANDESA.....                                   | 26        |
| <b>CAPITULO III- O PAPEL DO PETRÓLEO PARA A ECONOMIA<br/>GANENSE.....</b> | <b>29</b> |
| III.I- DADOS BÁSICOS DO PAÍS.....   | 29        |
| III .II- HISTÓRIA DA INDÚSTRIA PETROLÍFERA GANENSE.....                   | 35        |
| III. III-FUNIONAMENTO DO MERCADO PETROLÍFERO.....                         | 39        |
| III. IV- OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SOBRE A ECONOMIA GANENSE.....           | 41        |
| III. V- GANA E A DOENÇA HOLANDESA.....                                    | 42        |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>45</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>  | <b>47</b> |



## INTRODUÇÃO

O petróleo é o sangue da civilização moderna. Em geral o petróleo é a *commodity* mais importante do mundo; alimenta a grande maioria dos equipamentos de transportes mecanizados mundiais – automóveis, caminhões, aviões, comboios, navios, equipamentos agrícolas, militares, etc.

O petróleo é uma mercadoria encontrada em mais de 90 países, consumida em todos os países e comercializada nos mercados mundiais, mas os seus efeitos nesses países são totalmente diferentes.

O desenvolvimento dos países do “terceiro mundo” está intensamente relacionado com o petróleo. Embora esse na maioria das vezes não leva numa mudança tão significativa no país. Essa impossibilidade de transformar a presença do petróleo no país em uma benção é devido a inexistência de estruturas adequadas para desenvolver melhor esses países.

A Doença Holandesa refere-se ao medo que tomou conta das indústrias holandesas depois da descoberta dos depósitos de óleo e gás natural nos anos 60. O “boom” de exportação surgiu depois dessa descoberta, e levou a redução drástica da competitividade dos demais segmentos industriais e a exportação de outros bens e serviços.

A existência dessa doença no continente Africano é um fenômeno que até hoje faz do continente um dos pobres no mundo embora existam depósitos significativos de óleo no mesmo. Exemplos podem ser mencionados da Nigéria que até então é o maior produtor do óleo na África, mas que até hoje vive numa pobreza absoluta. Sem nenhuma estrutura adequada para lidar com essa enorme riqueza, o país vive cada vez mais sobre um governo corrupto, e um povo revoltado assim as guerras civis entre as regiões no país para conseguir um pedaço dessa riqueza que foi para na mão de uma parte pequena dos nigerianos. O mesmo pode ser dito sobre o Gabão, Camarões e o Angola que também vivem em situações precaveis embora tenham na sua volta muitos recursos naturais que poderiam tornar seus Países em um paraíso.

Trinta anos de guerra não conseguiram impedir que Angola se tornasse num dos países chave do continente africano na produção de petróleo, embora as estruturas

produtivas do país ainda estão inadequadas, a economia funciona com base num só produto –o petróleo. A indústria petrolífera é o principal suporte da economia das maiorias dos países produtores de petróleo no continente africano. Em Angola e na Nigéria esse setor é responsável por mais do que 50 % da pauta de exportação.

Com essas evidências tão claras no continente, especialmente nos países africanos com a “benção” de ter descoberto óleo, não é uma surpresa que o governo Ganense e o povo em geral começou a tremer com a descoberta de petróleo em Gana em 2007. O medo desse país foi simplesmente a preocupação de virar outra Nigéria ou Gabão na África e sofrer com a doença holandesa. O governo Ganense tem muito a fazer e aprender antes de começar a exploração e produção desse recurso.

Este trabalho terá como objetivo analisar a doença Holandesa, suas causas e os seus efeitos sobre os países em desenvolvimento, com ênfase na situação de Gana. A descoberta dos recursos naturais poderia ser uma “maldição” em vez de uma “benção”. A questão central será como lidar com essa riqueza natural para torná-la em uma “benção”.

Depois da nova descoberta de óleo em Gana em Agosto de 2007, seria necessário que o País levasse em consideração todas as medidas para não cair na mesma armadilha dos Holandeses. Ele deveria combinar eficientemente toda essa riqueza para o benefício geral do país, escapando assim dessa doença que atingiu os Holandeses nos anos 60 e que continua atingindo a maioria dos países

O trabalho será dividido em três capítulos,além da introdução e conclusão. No primeiro capítulo será discutido a definição ,causas e características da doença holandesa.

No segundo capítulo será apresentado o continente africano e a indústria petrolífera e alguns países em que a doença holandesa é evidente no continente: Nigéria, Gabão e Angola.

O terceiro e último capítulo será dedicado á apresentação e discussão da economia Ganense ,as implicações da indústria petrolífera no desenvolvimento socioeconômico do país. Este capítulo tratará também do mapeamento do mercado petrolífera do país ,e a descoberta do petróleo no país em 2007.Nesse mesmo capítulo será visto se Gana pode ou não escapar da doença Holandesa.

## **CAPÍTULO I – A DOENÇA HOLANDESA**

### **I. I - UMA VISÃO GERAL DA DOENÇA HOLANDESA**

A Doença Holandesa refere-se ao medo que tomou conta das indústrias holandesas depois da descoberta dos depósitos de óleo nos anos 60. O “boom” de exportação surgiu depois dessa descoberta, e levou a redução drástica da lucratividade das indústrias e a exportação de outros bens e serviços. A exportação total caiu consideravelmente nesse período em relação ao seu Produto Interno Bruto (PIB). Isso significa que a expansão da exportação de petróleo nos anos 60 não só reduziu a exportação de outros produtos como também valorizou a moeda holandesa em relação ao resto do mundo. Assim, os bens importados ficaram muito mais baratos em comparação aos bens locais.

Porém esse período de “maldição” não durou por muito tempo. Até o final do mesmo período (anos 60), a exportação de bens e serviços voltaram a aumentar para 60 por cento do seu PIB. A “doença” então passou, mas o seu nome ficou na história econômica do País e no mundo inteiro. Embora sua primeira “paciente” escapou facilmente dos seus efeitos, muitos países subdesenvolvidos estão sofrendo até hoje dessa epidemia.

Numa das referências importantes da literatura, Gelb (1988) discute o caso de países que teriam sofrido desse mal nos anos 80 devido às altas reservas de petróleo. No caso da Nigéria, os recursos provenientes das vastas reservas de petróleo foram mal utilizados e acabaram por prejudicar sua trajetória de crescimento. O petróleo foi descoberto em 1956 e as exportações para o mercado mundial começaram em 1958. Já nos anos 70, 50% das exportações de “commodities” nigerianas eram de petróleo, apesar de a agricultura representar ainda a principal atividade do país com um percentual de 40% do PIB não relacionado ao petróleo e o emprego de 70% da força de trabalho. No final dos 70, as exportações não relacionadas ao petróleo quase desapareceram como consequência do choque de preços. O tamanho do setor mineral passou de 1% do PIB nos anos 60 para 25% nos 70 e, em 1979, a exportação de petróleo passou a representar 90% do total de

exportações do país. O setor de agricultura regrediu fortemente enquanto o governo concentrava os recursos originários das receitas de petróleo no setor de não comercializáveis, extremamente carente na época (Gelb 1988, pg.227).

Um contraste importante em relação à Nigéria é o caso da Indonésia, igualmente rica em petróleo, mas que soube administrar seus recursos de forma racional. Foi capaz de desenvolver um dinâmico setor de bens comercializáveis na agricultura e em manufaturas para exportação em paralelo à indústria petrolífera. Diferentemente da Indonésia, onde os fundos do petróleo foram também utilizados para investimentos na agricultura que prosperou durante e após o choque, o setor agrícola fracassou na Nigéria e na maioria dos países Africanos em desenvolvimento.

Mas nem todos os países ricos em recursos naturais têm a mesma sina. O caso da Noruega também é ilustrativo. O país ocupa hoje a posição de grande exportador de petróleo no mercado mundial. Após a descoberta de reservas no mar do norte em 1969, havia grande possibilidade de contração da doença Holandesa. Várias medidas foram tomadas com o intuito de evitar os potenciais problemas decorrentes da doença. Dentre estas, destaca-se a boa administração dos recursos provenientes das exportações.

A criação de um fundo no exterior para utilização das divisas e o pagamento de dívida externa isolou a economia norueguesa dos problemas decorrentes de apreciação cambial e perda de competitividade (o *Petroleum Fund* tinha reservas equivalentes a 50% do PIB norueguês no início dos 2000). Em termos de mudanças estruturais na economia norueguesa, alguns autores identificam uma pequena retração do setor de comercializáveis manufatureiro após a descoberta das reservas. Outros trabalhos argumentam que essa mudança foi mínima e praticamente irrelevante. Larsen (2004, pg.12) mostra que a participação de receitas de petróleo no PIB se estabilizou rapidamente e a Noruega não transitou para um perfil de excessiva dependência em relação às rendas do petróleo. Nos 20 anos subsequentes a descobertas do mar do norte, a Noruega apresentou maiores taxas de crescimento do que Dinamarca e Suécia, dois países que poderiam ser tomados como grupo de controle na comparação do desempenho norueguês (Larsen 2004, pg. 10).

Uma questão interessante será saber se realmente esse fenômeno é uma doença. As pessoas que não acha ele uma doença o vê como simplesmente um setor beneficiando mais do que os outros sem causar nenhum tipo de problema macroeconômico. Ao contrário dessas pessoas tem o grupo que o acham sem duvida uma doença que precisa ser tratado como qualquer outra doença. Esse grupo está preocupado com as conseqüências da ré-alocação de recursos de um setor para os outros.

A doença Holandesa é numa falha de mercado causado pela abundância de recursos. Porém, também poderia atingir países como a China que não tem uma abundância enorme de recursos naturais, mas tem uma enorme mão de obra barata e depende muito dessa sorte para o seu desenvolvimento.

### **I. II-Sintomas, Causas e Efeitos da doença Holandesa.**

Uma sobrevalorização da moeda local é um dos primeiros sintomas da doença. Uma abundância de recursos naturais como regra é normalmente seguido por um boom na economia. Os preços de matérias primas começam a flutuar no mercado mundial, assim como as suas ofertas. Os postos de óleo podem ficar secos, as minas podem reduzir, muitas outras coisas podem acontecer para reduzir ou acabar com a existência desses recursos. É importante lembrar que as flutuações nas exportações deixam a taxa de cambio volúvel. Essa instabilidade nas taxas de cambio afeta negativamente as exportações e até o investimento estrangeiro no país. Além disso, a doença Holandesa pode até atingir os países que não tem sua moeda própria. Nesse caso as industrias que são dependentes de recursos naturais conseguem pagar salários e taxas de juros muito mais elevados do que as outras assim matando a sua competitividade. A fim de evitar que a moeda se valoriza como fez e ainda faz a Índia, Marcelo Henrique de Brito(2005) indicou que há varias medidas. Para explicá-las ele aplicou uma analogia de uma planta industrial que mostra como a malha de controle relacionada o fluxo de divisas com o fluxo de moeda nacional e conseqüentemente atrela o balanço do governo ao balanço de pagamento.

Um crescimento econômico menor do que o esperado é um dos primeiros efeitos da doença.

Com as sucessivas entradas de rendimentos de petróleo, as incertezas-chave identificadas, particularmente um bom governo, e uma boa estabilidade política, passariam a evoluir de forma negativa. Os desvios de fundos patrimoniais e a fuga de capitais passariam a ser constante. Não se verifica investimento nos sectores social, especificamente na educação, na formação profissional e na saúde, assim causando uma fraca diversificação econômica.

O que acontece é que não há uma alocação dos rendimentos para o funcionamento do resto da economia. Os recursos seriam desbaratados, através de um forte consumo em torno de uma pequena elite improdutivo e na realização de investimentos desajustados e improdutivo. Entraria um número substancial de estrangeiros e o país passaria a ser comandado pelo interesse externo e conheceria níveis significativos de corrupção e *rent-seeking*. A pobreza quase absoluta começa a crescer em taxas muito elevadas.

Existiriam, no entanto, menos de 5% de indivíduos que se tornariam muito ricos e passariam a constituir a poderosa elite do país, mas dependente dos interesses externos. Essa elite não investiria no país, preferindo colocar avultadas somas de dinheiro nas suas contas externas.

Após a saga do petróleo, o país conheceria uma situação econômica e financeira catastrófica.

### **I. III– OPEP e a doença Holandesa**

A maioria dos países ricos em óleo, mineral e outros recursos naturais tende a ter uma taxa de crescimento menor do que os que não têm. Por exemplo, a Nigéria (África), embora tenha uma reserva enorme de petróleo tem seu Produto Interno Bruto (PIB), quase igual ao que tinha em 1960 durante a sua independência. Entre 1965 e 1998 o PIB per capita em Irã e Venezuela também era um por cento em média, 2 por cento na Líbia, 3 por cento na Iraque e 6 por cento em Qatar (1970-1995). A grande maioria do petróleo

negociado no mercado global é produzida pela organização dos países Exportadores de petróleo (OPEP). Ela é composta por 11 nações produtoras de petróleo. Atualmente os membros de OPEP são: Argélia, Indonésia, Irã, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Qatar, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Venezuela.

OPEP também não escapou dessa doença. Sofreu muito nesse período. O PIB caiu em 3 por cento na média durante 1968 e 1998, em comparação com 2.2 por cento per capita no mesmo período em países desenvolvidos. Entre os países que poderiam ser classificados como ricos em recursos naturais, só quatro deles (Botsuana, Indonésia, Malásia e Tailândia) conseguiram atingir investimentos de longo prazo maior do que 25 por cento do seu PIB na média entre 1970 e 1998 (igual aquele de vários outros países de sucesso, mas que não tenham recursos), e também PIB per capita maior que 4 por cento na média no mesmo período. (Relatório Banco Mundial, 2004)

O fato não é a existência de riqueza natural, mas sim a incapacidade de tomar medidas suficientes a evitar os perigos que acompanham essa “benção”. Recursos naturais podem ser uma “benção” ou “maldição”, dependendo de quando aconteceu a descoberta e como o país em questão lida com essa riqueza sem afetar o resto da economia do país. Um caso clássico é da Noruega, o segundo maior exportador de óleo depois da Arábia Saudita, que até presente não mostrou nenhum sinal da doença Holandesa. Após a descoberta de reservas no mar do norte em 1969, havia grandes possibilidades de contratação da doença Holandesa. Várias medidas foram tomadas com o intuito de evitar os potenciais problemas decorrentes da doença, e isso funcionaram.

A grande diferença entre Noruega e o OPEP talvez seja o “*timing*”. O primeiro já estava desenvolvido bem antes da sua descoberta em 1969. O seu sistema financeiro já estava desenvolvido e suas instituições sócias muito maduras. Ao contrário, as maiorias dos países de OPEP são muitas vezes subdesenvolvidas antes e depois da descoberta.

## **I. IV-Transformando os Recursos Naturais em uma ‘ Bênção ‘**

Durante a última década, pesquisas feitas por economistas e cientistas políticos contribuíram muito para aumentar nosso entendimento sobre essas questões. Em particular, hoje entendemos que o problema é, em grande parte, político por natureza.

Um perigo imediato da doença Holandesa é a incapacidade de responder a elevada demanda doméstica de bens e serviços. A maioria dos países subdesenvolvidos tem capacidades ociosas, que poderiam ser usados para responder a essa demanda elevada.

Modelos que analisam a ameaça da doença, normalmente supõem que a economia em questão está na sua fronteira da possibilidade de produção, ou seja, está usando totalmente todos os recursos produtivos que tem. Porém, a expansão dos gastos do governo reduz os gastos privados. Na realidade ao contrário que esses modelos dizem, a maioria dessas economias observam uma enorme taxa de desemprego. Uma vez que essa suposição irrealista de pleno emprego é deixada do lado, o resultado imediato é a redução dos efeitos da doença.

É importante notar que mesmo que essas economias subdesenvolvidas estão realmente em pleno emprego, a falta de infra-estrutura e mão de obra qualificada entre outros, deixá-las vulneráveis a essa doença.

Políticas macro e microeconômicas devem ser implementadas para garantir que o país obtenha o maior benefício possível de seus recursos naturais; que os recursos do país conduzam a um maior crescimento; e que os benefícios sejam amplamente partilhados.

O governo tem um papel indispensável no tratamento dessa doença. Ele pode importar bens de capital que podem aumentar a produtividade interna, Além disso, o investimento do governo em bens públicos como estradas, eletricidade, escolas e saúde, aumentam a produtividade do setor privado da economia, desse jeito aumentando a oferta agregada. Nessas circunstanciais os gastos governamentais estimulam o investimento privado.



Logo para evitar a doença podem ser adotadas medidas como evitar a internalização do ganho de divisas no país, aumentar o superávit público e gerir a senhoriação, dissuadir a entrada de mais divisas ao reduzir as taxas de juros de títulos públicos e ao permitir a internacionalização de negócios de empresas e empresários nacionais, aproveitar o ganho de divisas para promover o aumento de mercado interno absorve pressões inflacionárias, e finalmente dar vantagens para investimento de longo prazo em setores em declínio.

Os recursos naturais não extraídos hoje ainda estarão disponíveis amanhã – eles não desaparecem. De fato, pode não fazer sentido extrair os recursos naturais o mais rápido possível. Se um país for incapaz de utilizar bem os fundos gerados por esses recursos, pode ser preferível deixar os recursos no solo, para que se valorizem, pois à medida que os recursos se tornam escassos, os preços se elevam.

Além disso, a extração de recursos naturais diminui a riqueza de um país – a menos que os fundos gerados sejam investidos de outra forma. A extração em si faz com que o país empobreça porque recursos como petróleo, gás natural, ou minérios não são renováveis.

Parte da razão pela qual os governos freqüentemente administram seus recursos naturais tão improdutivamente está relacionado ao emprego generalizado de estruturas padrão de contabilidade.

É natural que os governos queiram mostrar que sabem como administrar bem a economia. Se eles podem aumentar as taxas de crescimento, logo pensam que estão se saindo bem. Mas o Produto Interno Bruto (PIB) não é uma medida verdadeira do bem-estar econômico. Se o país extrai mais recursos naturais e os fundos gerados não são bem investidos, o país fica mais pobre e não mais rico.

Os bancos internacionais freqüentemente contribuem para a tendência dos países exportadores de petróleo gastarem excessivamente. Esses bancos fazem isso pelo seu jeito de emprestar. Quando o preço do petróleo está em alta, os bancos se dispõem a emprestar dinheiro. Quando o preço do petróleo cai ou as taxas de juros aumentam, os credores são rápidos para cobrar os empréstimos, assim sempre emprestando para quem não precisa de dinheiro.

É muito importante que o governo adota uma política de transparência nas suas atividades petrolíferas. O governo deve procurar mais informação a respeito dos envolvidos na extração de recursos naturais; os contratos que são assinados; os montantes que recebe; a quantidade de recursos naturais desenvolvidos; e a utilização dos fundos. Por exemplo, Nigéria exige que todas as companhias petrolíferas “publiquem o que pagam” e que os funcionários do governo divulguem ao público a destinação desse dinheiro. Tal transparência limita a possibilidade de haver corrupção, e outros riscos morais.

Uma ênfase excessiva na exploração e exportação de recursos naturais não assegura prosperidade. Além dos impactos sociais enormes que essa pode trazer para o País ou a região como, por exemplo: aumento na concentração de renda, ameaça de desemprego setorial com o fim das atividades e direcionamento da infra-estrutura para exportar ao invés de promover transações no mercado interno. Um país com prosperidade apresenta um ambiente sadio (sem poluição de água, ar ou solo), desenvolve infra-estrutura eficaz (transporte, energia, etc), investe muito em educação e seu capital humano, tem um sistema legal-político equilibrado e mais tenta atingir o pleno emprego. Os recursos naturais levam com eles um risco alto. Assim um país deveria estar pronto para as conseqüências dessa nova “benção”.

A exportação de petróleo em si não transforma países pobres em economias prósperas em uma geração Assim quem torna a descoberta de recursos naturais uma “benção” ou “maldição” é o país em si. O país tem que ter conhecimento dos riscos, e fazer como a Noruega: tomar medidas para evitar os possíveis problemas.

## **CAPÍTULO II – ÁFRICA E A DOENÇA HOLANDESA**

### **II.I - Petróleo e África**

A África, com 13 % da população do mundo, fornece somente 2 % de exportações mundiais. Os três maiores produtores de óleo, a Argélia, a Líbia e a Nigéria, fornecem 30 % de exportações. Três das exportações Africanas compõem-se basicamente de óleo cru, outros produtos de petróleo (inclusive gás natural) e minerais. Mas a maioria das pessoas na África ganha o seu sustento pela agricultura. Os países exportadores de óleo e gás na África são extremamente dependentes das receitas geradas. Como isso esses países são muito afetados pelo preço de óleo.

A produção de petróleo em África começou no Egito em 1910 e a sério apenas na Líbia e na Argélia (sob os auspícios italianos e franceses) nos anos 30 e 40. Atualmente existem doze grandes produtores de petróleo em África – membros da Associação Africana de Produtores de Petróleo – dominado, por ordem de produção, pela Nigéria, Argélia, Líbia e Angola que, coletivamente, contabilizam 85% da produção africana. Todos os grandes produtores de petróleo africanos estão altamente dependentes da sua extração. Entre os seis primeiros estados petrolíferos africanos, o óleo totaliza 75-95% de todas as receitas de exportação, 30-40% do PIB e 50-80% das receitas governamentais.

A África produziu 488.5 milhões de toneladas em 2007, prestando contas de 12.5 % da produção mundial. O continente tem 7.3 % de reservas de óleo mundiais provadas. Três membros africanos da Organização de Países Exportadores de Petróleo - a Argélia, a Nigéria, e a Líbia - prestaram contas de 66 % da produção de óleo do continente.

Como os membros da Organização de Países Exportadores de Petróleo, as quotas de produção teoricamente restringem a sua produção de óleo.



A África também é uma fonte importante de gás natural. Produziu 5 % da produção comercial mundial em 2001. A África mantém 9.5 % de reservas provadas. A maioria de essas reservas estão na Argélia e a Nigéria. Porém aproximadamente 20 países na continente têm reservas. Argélia prestou contas de 63 % de gás natural da África em 2001, seguido pelo Egito (17 %), a Nigéria (11 %) e a Líbia (4 %).

Os produtores que não fazem parte da Organização de Países Exportadores de Petróleo de África também estão aumentando a produção. A produção de Angola aumentou 600 % desde 1980 e é esperada ser mais de 1 milhão de bbl/d em 2003. Produção no Sudão foi estimada em 22,5 milhões de toneladas por dia em 2007( [www.bp.com](http://www.bp.com))

**Tabela 1****Reservas Africanas (Mil Milhões de barris)**

| <b>País</b>            | <b>1985</b> | <b>1995</b> | <b>2004</b>  | <b>2005</b>  |
|------------------------|-------------|-------------|--------------|--------------|
| Algélia                | 8.8         | 10.0        | 11.8         | 12.2         |
| Angola                 | 2.0         | 3.1         | 9.0          | 9.0          |
| Chad                   | -           | -           | 0.9          | 0.9          |
| Congo (Brazaville)     | 0.8         | 1.3         | 1.8          | 1.8          |
| Egito                  | 3.8         | 3.8         | 3.6          | 3.7          |
| Guiné Equatorial       | -           | 0.6         | 1.8          | 1.8          |
| Gabão                  | 0.7         | 1.5         | 2.2          | 2.2          |
| Líbia                  | 21.3        | 29.5        | 39.1         | 39.1         |
| Nigéria                | 16.6        | 20.8        | 35.9         | 35.9         |
| Sudão                  | 0.3         | 0.3         | 6.4          | 6.4          |
| Tunísia                | 1.8         | 0.4         | 0.7          | 0.7          |
| Outros                 | 1.0         | 0.7         | 0.6          | 0.6          |
| <b>Total na África</b> | <b>57.0</b> | <b>72.0</b> | <b>113.8</b> | <b>114.3</b> |

Fonte:www.bp.com

**Tabela 2****Produção Africana de Petróleo (Milhões de Toneladas)**

| <b>País</b>            | <b>1997</b>  | <b>2000</b>  | <b>2005</b>  | <b>2007</b>  |
|------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Algélia                | 60.3         | 66.8         | 86.4         | 86.1         |
| Angola                 | 36.5         | 36.9         | 61.2         | 84.1         |
| Camarões               | 6.3          | 4.5          | 4.2          | 4.2          |
| Chad                   | -            | -            | 9.1          | 7.5          |
| Congo (Brazaville)     | 11.6         | 13.1         | 12.7         | 11.5         |
| Egito                  | 43.8         | 38.8         | 33.9         | 34.1         |
| Guiné Equatorial       | 3.0          | 4.5          | 18.5         | 18.0         |
| Gabão                  | 18.2         | 16.4         | 11.7         | 11.5         |
| Líbia                  | 70.1         | 69.5         | 82.1         | 86.0         |
| Nigéria                | 113.2        | 105.4        | 125.4        | 114.2        |
| Sudão                  | 0.4          | 8.6          | 15.0         | 22.5         |
| Tunísia                | 3.8          | 3.7          | 3.4          | 4.6          |
| Outros                 | 3.1          | 2.7          | 3.5          | 4.2          |
| <b>Total na África</b> | <b>370.3</b> | <b>370.9</b> | <b>467.1</b> | <b>488.5</b> |

Fonte:www.bp.com

A produção Africana de petróleo na Nigéria, por exemplo, caiu entre 2005 e 2007, de 123.4 milhões de toneladas em 2005 a 114.2 em 2007. Essa queda pode ser explicada pela a instabilidade econômica na região de Delta nesses anos. Aumentaram nesse mesmo período os seqüestros de investidores estrangeiros nas companhias de petróleo na região. Assim aumentando o risco de trabalhar na Nigéria.

O Gabão e a Guiné Equatorial são os únicos estados africanos com elevada capitação de petróleo, as chamadas dotações de petróleo. Argélia e Líbia são respectivamente o oitavo, décimo e décimo segundo maiores exportadores de petróleo. Estes três estados e o Gabão são todos membros da OPEP

Hoje em dia a África é o centro de um grande boom do petróleo, um índice da centralidade do sector da produção primária como a fonte mais importante da acumulação capitalista no continente. O continente representa cerca de 10% da produção de petróleo mundial e 9,3% das reservas conhecidas. Por causa desse cenário, o local virou pólo de atração de investimentos de grandes multinacionais do setor, como Petrobras, Shell, Exxon Mobil, Total e Agip Texaco. Apesar dos campos de petróleo em África serem geralmente menores e mais profundos do que os do Médio Oriente – e os custos de produção serem, conseqüentemente, 3 a 4 vezes mais altos – o petróleo bruto africano tem habitualmente baixo teor de enxofre e é atrativos para os importadores americanos.

Todos os governos africanos organizaram os seus sectores petrolíferos através de companhias estatais de petróleo que têm alguma forma de parceria com as maiores companhias transnacionais de petróleo. Em geral, as companhias petrolíferas internacionais que operam em África têm acordos de partilha da produção com as companhias estatais de petróleo (A Nigéria é a exceção, pois opera largamente através de *joint ventures* ).

Os governos africanos garantem às companhias um mínimo de lucro de acordo com os critérios geológicos, tecnológicos e de investimento. A companhia nacional paga royalties pela quantidade de bruto produzido, após dedução dos custos operacionais.

Todos estes petro-estados estão marcados pela chamada maldição dos recursos: corrupção avassaladora, governo autoritário e desempenho econômico miserável.

Os países africanos têm que olhar para as estruturas internas para assegurar que a riqueza petroleira chega ao homem e a mulher comum. Devem implementar sistemas viáveis para controlar a indústria. As grandes empresas petroleiras estão preocupadas com os assuntos ambientais, de direitos humanos e de corrupção, mas na África e nos outros países em vias de desenvolvimento, onde estas estruturas de proteção contra os abusos ambientais, corrupção e de direitos humanos não existem, estas empresas não têm como renúncia destas práticas. Aumenta a produção de petróleo na África e paralelamente crescem também no continente a corrupção, as guerras e a miséria.

## II. II –Nigéria e a doença Holandesa.

A Nigéria fica entre Camarões (ao leste) e Benin (a oeste), sobre a costa Oeste-Africano. Era inabitado por cerca de 56 milhões de pessoas em 1960, período da independência. A economia era agrária, com um substancial sector mineiro. Os recursos minerais incluem o petróleo, o carvão e o estanho. Os produtos agrícolas incluem óleo de palma, cacau, cítricos, milho, sorgo, mandioca, inhames e cana de açúcar.

As suas exportações incluíam cacau, borracha, algodão e amendoim. Nigéria descobriu óleo em 1956, mas começou a exportar logo em 1958. Desde a sua descoberta de óleo nos anos de 1970, óleo tornou o fator dominante na economia Nigeriana.

A Nigéria é a jóia da coroa africana do petróleo. Ninguém duvida da importância estratégica da Nigéria. Um em cada cinco africanos é nigeriano – a população do país é atualmente estimada em 137 milhões – e é o sétimo maior exportador de petróleo que fornece o mercado dos Estados Unidos com aproximadamente 8% das suas importações.

Membro da OPEP há muito tempo, a Nigéria é o protótipo da "nação petrolífera". Com reservas estimadas em quase 40 mil milhões de barris, o petróleo em 2007 representava 76% das receitas do governo, 90% dos rendimentos do comércio exterior, 96% de receitas de exportação e, de acordo com o FMI, quase a metade do PIB.

A produção bruta é atualmente de mais de 2,1 milhões de barris por dia avaliados em mais de US\$ 20 mil milhões, aos preços de 2004. O sector do petróleo da Nigéria representa em 2008 uma vasta infra-estrutura industrial interna: mais de três centenas de campos de petróleo, 5 284 poços, 7 000 quilómetros de oleodutos, dez terminais de exportação, 275 estações de bombagem, dez instalações de gás, e quatro refinarias.

A economia da Nigéria, rica em petróleo, mas é marcado por instabilidade política, corrupção e má gestão macroeconómica. Os anteriores governos militares da Nigéria não foram capazes de diversificar a economia e afastá-la da sobre dependência do sector petrolífero o qual é responsável por 20% do PIB, 95% das receitas de exportação e cerca de 65% das receitas orçamentais. O setor agrícola, não acompanhou o crescimento rápido da população e a Nigéria em tempos um grande exportador de alimentos, precisa agora de importá-los

A Companhia Nacional do Petróleo da Nigéria é por décadas um sinónimo de corrupção e vergonha nacional. A indústria petrolífera como um todo sofre com sabotagens e ações governamentais inadequadas. Os custos para o país são gigantescos, já que 76% da receita do Estado vêm do petróleo. A produção em junho de 2007 caiu para 750.000 barris por dia, quando a capacidade instalada é de 3 milhões. É possível que o país tenha perdido 16 bilhões de dólares nos últimos 2 anos devido a esses problemas, que por sinal, já existiam antes dos conflitos violentos no Delta.

## **II. III - Gabão e a Doença Holandesa.**

O Gabão é um país africano, limitado a norte pelo território de Mbini (Guiné Equatorial) e pelos Camarões, a leste e a sul pelo Congo e a oeste pelo Oceano Atlântico e pelo Golfo da Guiné.



O Gabão tem uma renda per capita quatro vezes maior que os países vizinhos. Isto ajudou a reduzir os índices de pobreza no país. Porém devido à desigualdade de distribuição de renda, a maior parcela da população continua pobre. O país que é um das mais abençoadas em terras ricas e águas, hoje importa quase tudo que come dentro do país.

Uma característica notável da economia de Gabão é a sua dependência extrema de recursos naturais, que prestam contas de aproximadamente 50 % do PIB. Principalmente devido ao óleo, o Gabão é um país de rendimento per capita de aproximadamente \$3,800 cerca de 10 vezes maior que a média no continente Africano. Ainda assim a desigualdade é alta, e uma grande proporção da população permanece pobre.

A realização econômica total de Gabão tem sido muito fraca. Depois de uma retirada profunda em 1999, quando o verdadeiro PIB contratou 9.6 %, a economia melhorou ligeiramente em 2000, mas não bastante para virar positiva. Depois a recuperação modesta de 2 % em 2001, a economia contratou 0.3 % em 2002.

A realização de crescimento fraco foi também devido a um ambiente de negócios desfavorável, infra-estrutura ineficiente, e uma dívida externa enorme e crescente, em mais do que 100 % de PIB.

O óleo continua sendo a força chave da atividade econômica desde o primeiro boom de óleo no início dos anos 1970. Em 2000/01 o óleo contribuiu para 66 % de receitas do governo, 78 % de lucro de exportação, e 41 % de PIB.

A experiência de desenvolvimento de Gabão é um exemplo clássico da doença holandesa. Em 2001 e 2002 a agricultura e a pesca crescerem só 2.5 %. A realização triste da agricultura é atribuído à doença holandesa que veio com óleo. Antes do primeiro boom de óleo, o Gabão produziu montantes significantes de comida e colheitas, como cacau e café.

Cerca de 60% da força de trabalho do país está na agricultura. Há poucas indústrias de transformação no país. Um dos motivos é o seu reduzido mercado interno.

Outros motivos são a sua dependência do mercado francês e o seu pouco contato comercial com países vizinhos. Assim é dito que será muito mais fácil achar queijo francês no Gabão do que banana.

O País dependia da produção de manganês e de madeira até que o petróleo foi descoberto em 1970. O petróleo representa hoje 50% do Produto Interno Bruto e 80% das exportações. Aos poucos a maná do petróleo está esgotando. Em 1998, por exemplo, o Gabão produziu 350,000 barris de óleo por dia, essa produção caiu para 250,000 em 2001.(Agenzia Fides).

Evidentemente agora, o país já está tomando medidas a reduzir os efeitos da doença Holandesa. Por exemplo, o governo já começou a diversificar as suas exportações. Hoje o Gabão além de petróleo exportar também madeira, ferro e manganês. Infelizmente com a exportação de recursos naturais contribuindo até 70% do Produto interno bruto do país, e somente 10% vindo de agricultura e indústrias de transformação o país ainda continua sofrendo dos efeitos da doença Holandesa.

## **II. IV– Angola e a Doença Holandesa**

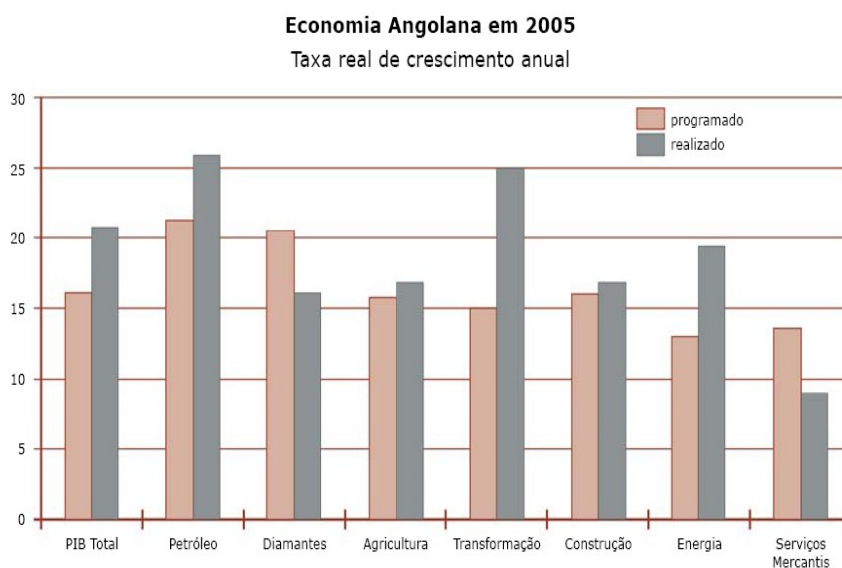
Angola é um país situado na costa Africana do Atlântico Sul entre a Namíbia e o Congo. Sua capital é Luanda com cerca de 12 milhões de habitantes. Até recentemente o país viveu uma guerra civil que devastou a economia por vinte anos. Cinco anos após o fim de uma das piores guerras civis da história africana, Angola, movida por um boom do petróleo, tornou-se o país que mais cresce no mundo.

Em 1992, o PIB de Angola foi estimado em \$7,72 bilhões, as suas exportações para o resto do mundo ficarem em cerca de \$2,0995 milhões e as suas importações chegarem até \$1,450 milhões em 1994. A taxa de inflação estimada em 1999 foi de cerca de 250%.(BNA, 1990).Em 1997, liderou o *rank* mundial em termos de tamanhos de descobertas feitas pelas maiores companhias internacionais de petróleo.(Energy Day,2000).

A paz, após a guerra coincidiu com a descoberta de gigantescos campos de petróleo. Com a explosão dos preços do produto, o mineral hoje representa cerca de 60% do PIB do país.

A Indústria Petrolífera de Angola hoje representa uma das principais atividades do país. Em 1960 o petróleo representava menos de 8% do PIB enquanto a agricultura tinha uma participação de 50%.

Logo em 1995, esse quadro já tinha mudado bastante. Houve uma queda muito grande no nível de participação da agricultura na formação do PIB do país para apenas 17% e a participação do petróleo aumentou drasticamente para 65%. O petróleo começou a servir como uma garantia na maioria das vezes para o empréstimo contraído pelo país. Angola enche os cofres com o petróleo (e, em menor escala, com diamantes), mas cresce tanto recentemente por causa dos anos perdidos pela guerra de 27 anos. O saldo foi de 1 milhão de mortos e 4 milhões de refugiados. Uma herança são 1.400 km quadrados de minas, área equivalente à cidade de São Paulo, as quais têm sido removidas lentamente. O apetite de EUA e os europeus, de reduzir a dependência em relação ao Oriente Médio, abriu-se o caminho para o Angola. Em 2006, ele passou a ser o segundo fornecedor para a China depois de Arábia Saudita.



**Fonte: Relatório de contas, Banco Nacional Angolano.**

A economia da República de Angola está entre as dez melhores do continente africano, indica um Relatório da Comissão Econômica das Nações Unidas para África, sobre a evolução econômica da África no ano de 2006.

Angola representa sem dúvida um exemplo de país que tem o petróleo como o “coração” de sua economia, aumentando, assim, a chance de viver muitos anos de sofrimento da doença Holandesa, caso o governo não invista nos outros setores do país que até então estão em situações deploráveis.

O fluxo enorme de recursos tornou a corrupção endêmica. Essa corrupção está mais evidente entre os funcionários públicos. Angola, em 2007, foi considerada pela ONG Transparência Internacional o 34º país mais corrupto do mundo, entre 180. Porém tudo indica que o fluxo de petróleo deve cair a partir de 2012, o que já preocupa o governo. “Estamos trabalhando para desenvolver outros setores e deixar de ter a economia vinculada ao petróleo”, disse a ministra do Planejamento, em uma entrevista.

## CAPÍTULO III –A ECONOMIA GANENSE

### III. I Dados Básicos do País

Gana é uma Republica Independente situada na Costa Africana, confinado com Togo, Costa de marfim Burkina Faso e o Oceano Atlântico. Acra é a sua Capital. Em 2003, a população Ganense era cerca de 20 milhões com renda per capita de US\$300 (2003). Gana é um país potencialmente rico graças aos vastos recursos naturais que vai desde diamantes, gás, petróleo entre outros minerais. As ricas florestas e terras agrícolas férteis ajuda na sua alta produção de cacau e outros produtos alimentares para exportação. A moeda do país é cedi e o seu língua oficial é inglês.

Costa de Ouro era seu nome antigo. O país foi renomeado para Gana na seqüência da sua independência com o lema: "é melhor ser independente para governar sozinho, bem ou mal, do que ser governados pelos outros". Em 1957 conquistou sua independência, devido às indicações que os atuais habitantes descendam de emigrantes que se movimentaram para Sul do Império Gana. Gana era o segundo maior produtora de Ouro na África, atrás da África do sul, terceiro maior produtora de alumínio e manganês e uma produtora significativa de diamante. No ano de 1999, o país crescia numa taxa de aproximadamente 5,5% e esse crescimento foi graças á sua exportação de Ouro, Cacau, e madeira.

O clima é equatorial (Gana fica na linha do equador). A faixa costeira ocidental é morna e comparativamente seca; o canto sudoeste é quente e úmido; o norte é quente e seco. Existem duas estações das chuvas no sul: Maio-Junho e Agosto-Setembro; no norte, as estações das chuvas tendem a fundir-se. Um vento quente de nordeste, o harmadão, sopra em Janeiro e Fevereiro. A precipitação média anual na zona costeira é de cerca de 83 centímetros.

O lago Volta, o maior lago artificial do mundo, estende-se desde a barragem de Akosombo, no sueste de Gana, até à cidade de Yapei, 520 quilômetros para norte. O lago gera eletricidade, fornece uma via de transporte no interior e é um recurso potencialmente valioso para a irrigação e para a aqua-cultura.

## MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE GANA



Gana situa-se no golfo da Guiné, na África ocidental, alguns graus apenas a norte do Equador. Metade do país fica a menos de 152 metros acima do nível do mar, e o seu ponto mais elevado tem apenas 883 m. Os 537 quilômetros de costa são compostos principalmente por litorais baixos e arenosos, atrás dos quais se estendem planícies cobertas por vegetação de pequeno porte, intersectada por vários rios e ribeiros, a maioria dos quais só é navegável em canoas. O país é dividido em 10 regiões: Greater *Accra*,

*Eastern , Volta, Upper East, Upper West, Western , Ashanti, Central, Northern e Brong Ahafo.* As Principais cidades de Gana são Acra, Kumasi e Tamale.

A norte, perto da fronteira com a Costa do Marfim, estende-se uma faixa de floresta tropical interrompida por colinas densamente florestadas e muitos rios e ribeiros. Esta área, conhecida como Ashanti, produz muito do cacau, minerais e madeira do país. A norte desta faixa, a altitude varia entre 91 e 396 metros acima do nível do mar e o território está coberto por arbustos baixos, savana e planícies cobertas de erva.

A economia de Gana é baseada na extração de recursos naturais. Os principais itens exportados são o ouro, madeira, e cacau. A base da economia é a agricultura. Isso faz o Gana um dos países mais ricos na África Tropical. Mais do que a metade do PIB do país é devida às atividades agrícolas. O principal produto exportador pelo país é o cacau. A exportação do cacau é feita pela rígida regulação do governo. O governo compra toda a produção a preço muito inferiores do mercado internacional. Porém, muitos produtores ainda vendem ilegalmente seus produtos. Café e banana são exportados também, mas em menores quantidades.

No norte e na região do capital, Acra, a produção de gado é explorada para o consumo interno. Os rios e mares no sul do país também facilitam a pesca apesar de ser pouco desenvolvido no país. A exportação de produtos agrícolas e minerais é uma fonte importante de divisas para o país.

Além da agricultura, a mineração também é uma das principais atividades econômicas de Gana. Gana explora em quantidades significantes Ouro, diamantes, manganês e bauxita. Existia quantidade pequena de petróleo no país bem antes da nova descoberta em 2007.

O rio Volta na região sudeste do país é a fonte principal da energia elétrica, obtida totalmente na represa da Akosombo. Isso significa que um ano de pouca chuva leva a muitos problemas de eletricidade.

## Indicadores Socio- Economicos

**Tabela 3**

**População:** 23.382.848

| <b>Ano</b> | <b>População</b> | <b>Posição</b> | <b>Mudança Porcentual</b> | <b>Data da Informação</b> |
|------------|------------------|----------------|---------------------------|---------------------------|
| 2003       | 20.467.747       | 50             |                           | July 2003 est.            |
| 2004       | 21.029.853       | 50             | 2,75%                     | July 2005 est.            |
| 2005       | 21.946.247       | 50             | 4,36%                     | July 2005 est.            |
| 2006       | 22.409.572       | 49             | 2,11%                     | July 2006 est.            |
| 2007       | 22.931.299       | 48             | 2,33%                     | July 2007 est.            |
| 2008       | 23.382.848       | 48             | 1,97%                     | July 2008 est.            |

Fonte: CIA World Factbook

**Tabela 4**

**Taxa de crescimento:** 1,928%  
(2008 est.)

| <b>Ano</b> | <b>Taxa de crescimento (%)</b> |
|------------|--------------------------------|
| 2000       | 1.87                           |
| 2001       | 1.79                           |
| 2002       | 1.7                            |
| 2003       | 1.45                           |
| 2004       | 1.36                           |
| 2005       | 1.25                           |
| 2006       | 2.07                           |
| 2007       | 1.972                          |
| 2008       | 1.928                          |

Fonte: CIA World Factbook



**Tabela 5**

**Produto Interno Bruto (PIB) - Taxa de Crescimento Real: 6,2% (2007 est.)**

| Ano  | Produto Interno Bruto (PIB) - Taxa de Crescimento Real | Posição | Mudança Porcentual | Data da Informação |
|------|--|---------|--------------------|--------------------|
| 2003 | 5,80%  | 24      |                    | 2002 est.          |
| 2004 | 4,70%  | 65      | -18,97%            | 2003 est.          |
| 2005 | 5,40%  | 69      | 14,89%             | 2004 est.          |
| 2006 | 5,90%  | 69      | 9,26%              | 2005 est.          |
| 2007 | 6,00%  | 71      | 1,69%              | 2006 est.          |
| 2008 | 6,20%  | 63      | 3,33%              | 2007 est.          |

Fonte: CIA World Factbook

**Tabela 6**

**Dívida externa: \$3,387 bilhões (31 December 2007 est.)**

| Ano  | Dívida externa  | Posição | Mudança Porcentual | Data da Informação   |
|------|-----------------|---------|--------------------|----------------------|
| 2003 | \$7.200.000.000 | 72      |                    | 2002 est.            |
| 2004 | \$7.398.000.000 | 76      | 2,75%              | 2003 est.            |
| 2005 | \$7.396.000.000 | 78      | -0,03%             | 2004 est.            |
| 2006 | \$6.999.000.000 | 93      | -5,37%             | 2005 est.            |
| 2007 | \$3.546.000.000 | 114     | -49,34%            | 2006 est.            |
| 2008 | \$3.387.000.000 | 113     | -4,48%             | 31 December 2007 est |

Fonte: CIA World Factbook

**Tabela 7**

**Produto Interno Bruto (PIB): \$31.23 bilhões (2007 est.)**

| Ano  | Produto Interno Bruto (PIB) | Posição | Mudança Porcentual | Data da Informação |
|------|-----------------------------|---------|--------------------|--------------------|
| 2003 | \$42.500.000.000            | 73      |                    | 2002 est.          |
| 2004 | \$44.440.000.000            | 73      | 4,56%              | 2003 est.          |
| 2005 | \$48.270.000.000            | 75      | 8,62%              | 2004 est.          |
| 2006 | \$54.860.000.000            | 75      | 13,65%             | 2005 est.          |
| 2007 | \$60.000.000.000            | 75      | 9,37%              | 2006 est.          |
| 2008 | \$31.230.000.000            | 101     | -47,95%            | 2007 est.          |

Fonte: CIA World Factbook

**Tabela 8****Petróleo - reservas provadas:** 16,5 milhões barris (1 January 2006 est.)

| Ano  | Petróleo - reservas provadas | Posição | Mudança Porcentual | Data da Informação  |
|------|------------------------------|---------|--------------------|---------------------|
| 2003 | 8.255.000                    | 77      |                    | January 2002 est.   |
| 2004 | 8.255.000                    | 77      | 0,00%              | 1 January 2002      |
| 2005 | 8.255.000                    | 78      | 0,00%              | 1 January 2002      |
| 2006 | 8.255.000                    | 79      | 0,00%              | 1 January 2002      |
| 2007 | 8.255.000                    | 82      | 0,00%              | 1 January 2002      |
| 2008 | 16.500.000                   | 80      | 99,88%             | 1 January 2006 est. |

Fonte:CIA World Factbook

**Tabela 9****Petróleo - produção:** 700 barris/dia (2007 est.)

| Ano  | Petróleo - produção | Posição | Mudança Porcentual | Data da Informação |
|------|---------------------|---------|--------------------|--------------------|
| 2003 | 7.000               | 77      |                    | 2001 est.          |
| 2004 | 7.000               | 77      | 0,00%              | 2001 est.          |
| 2005 | 7.000               | 78      | 0,00%              | 2001 est.          |
| 2006 | 7.433               | 84      | 6,19%              | 2003 est.          |
| 2007 | 7.477               | 87      | 0,59%              | 2004 est.          |
| 2008 | 700                 | 103     | -90,64%            | 2007 est.          |

Fonte:CIA World Factbook

Todos os indicadores econômicos mostrados nas tabelas mostram que Gana é um país que tem muito a fazer antes da entrada de uma riqueza como a do óleo. Porém, o novo governo e a paz que prevalece no país são sinais de que o país tem tudo para sair bem sucedido nessa nova fase.

### III.II. História da Indústria Petrolífera Ganense

A indústria do óleo em Gana começou nos anos de 1970 quando foi descoberta uma quantidade de óleo no offshore do país. Porém até 1990 a produção era muito insignificante.

Em 1983, o governo Ganense estabeleceu o *Ghana National Petroleum Corporation* (GNPC) para promover a exploração e produção de petróleo no país. Essa empresa logo começou a sua parceria com muitas empresas estrangeiras. Em 1989, três empresas: duas americanas e uma holandesa, investiu us\$30 milhões na perfuração de poços na bacia de Tano. Três anos depois desse investimento, um dos poços na bacia de Tano começou a produzir cerca de 6,900,000 de barris de óleo por dia .

No início dos anos 90, GNPC fez uma revisão em todas as descobertas de óleo e gás no país para determinar se a operação desses poços por uma empresa predominantemente local faria a exploração comercialmente mais viável. Em 1992, o GNPC assinou um contrato com Sonangol (Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola). Nesse contrato Sonangol seria responsável pela perfuração e produção de dois poços em Gana.

Gana tem uma refinaria de óleo em Tema, uma cidade pequena localizada no capital Acra. Em 1992, essa refinaria (Tema lube Oil Company) lançou uma planta nova, desenhado a produzir cerca de 25,000 toneladas de óleo .Essa planta seria responsável pelo 90% da demanda local .*Shareholders* nessa planta incluía :Mobil, Shell, o British petroleum e o GNPC.

A indústria de petróleo de Gana consiste dos setores *Upstream e Downstream*. As atividades *upstream* incluem exploração, desenvolvimento e produção de derivados de petróleo enquanto as atividades *downstream* incluem a refinaria, processamento e distribuição de derivados de petróleo. O GNPC tem o mandato de explorar óleo no território Nacional. Porém desde o seu estabelecimento em 1983, não houve nenhum descoberto comercialmente viável até recentemente em 2007.

O preço de petróleo era regulado inteiramente pelo governo até 2005 quando foi estabelecido o NPA (*National Petroleum Authority*) para determinar os preços de derivados de petróleo. O NPA é responsável por todas as atividades da indústria *downstream* .Ele monitor os preços de derivados de petróleo, fornece ajuda na

comercialização de óleo, promove competição e protege os consumidores. Além disso, o NPA faz pesquisas sobre a demanda e oferta de preços de óleo no mercado internacional. O NPA também monitora as empresas de distribuição de óleo no país para garantir que estão cumprindo as regras estabelecidas na indústria. Em fim, o NPA relaciona com o TOR, o OMCs e todos os outros *stakeholders* na indústria petrolífera Ganense.

O país consome volumes enormes de derivados de petróleo e a importação desses consistiu uma porção significativa do PIB do país. Em 2004, por exemplo, o país importou aproximadamente 45,010 barris por dia. No mesmo ano o país exportou cerca de 8,041 barris por dia. Enquanto em 2005 consumiu cerca de 47,000 barris por dia.

Fora das sete (7) descobertas feitas em Gana é o campo de Saltpond que se submeteu a uma produção entre 1978 e 1985. Um total de aproximadamente 3.47 MMbo foi produzido

GNPC em um esforço de reativar o campo, participou em um acordo com Lushann Eternit no ano 2000. Este acordo resultou na formação de uma companhia de risco comum - *Saltpond Offshore Producing Companhia Ltd (SOPCL)* - que está operando atualmente o campo.

No norte e nos campos sul de Tano, uns números de poços foram perfurados. Além deste, GNPC realizou um teste prolongado da produção no campo sul de Tano. Atualmente, GNPC está falando com um número de companhias de óleo para utilizar o gás destes campos para a geração de eletricidade.

A estrutura legal, governando a exploração e a produção de petróleo estão sendo revista para criar um ambiente competitivo de negócio para o investimento em Gana.

Hoje em Gana, o ambiente político é favorável, a geologia do petróleo é boa e a estrutura legal é excelente para o investimento no país.

**Tabela: 10**

| <b>Descobertas</b> |              |            |             |
|--------------------|--------------|------------|-------------|
| <b>Campos</b>      | <b>Bacia</b> | <b>Ano</b> | <b>Tipo</b> |
| Saltpond           | Saltpond     | 1970       | Óleo & Gás  |

|                   |                   |      |            |
|-------------------|-------------------|------|------------|
| Cape Three Points | Cape Three Points | 1973 | Gás        |
| South Tano        | Tano              | 1978 | Óleo & Gás |
| 3-AX block        | Tano              | 1979 | Gás        |
| North Tano        | Tano              | 1980 | Gás        |
| West Tano - 1     | Tano              | 2000 | Óleo       |
| Mahogany 1        | Half Assini       | 2007 | Óleo       |
| Hyedua 1          | Cape Three Points | 2007 | Óleo       |
| Odum 1            | Cape Three        | 2008 | Óleo       |

**Fonte:Elaboração Próprio**

**Tabela 11**

**OPERAÇÕES RECENTES (2002-2008)**

|    | <b>EMPRESA</b>  | <b>ÁREA DE OPERAÇÃO</b>     | <b>ANO</b> |
|----|---|-----------------------------|------------|
| 1. | Vanco Ghana Ltd.  | Deepwater Cape Three Points | ago/02     |
| 2. | Kosmos Energy Gh. HC<br>Anadarko Petroleum Energy                                   | West Cape Three Points      | jul/04     |
| 3. | Tullow Gh. Ltd.<br>Saltpond Offshore Prod. Company<br>(Lushann Eternit Energy Ltd.) | Saltpond Field              | jul/04     |
| 4. | Tullow Gh. Ltd.<br>Sabre Oil & Gas Ltd.   | Shallow Water, Tano Basin   | jul/06     |

|     |   |                               |        |
|-----|---|-------------------------------|--------|
| 5.  | Devon Energy Gh.<br>Ltd   | Offshore Keta<br>Basin        | jul/06 |
| 6.  | Tullow Gh. Ltd.<br><br>Sabre Oil & Gas<br>Ltd.<br><br>Kosmos Energy<br>Gh. HC | DeepWater Tano<br>Basin       | jul/06 |
| 7.  | Vitol Upstream<br>Gh. Ltd   | Offshore Cape<br>Three Points | mar/06 |
| 8.  | Amerada Hess Gh.<br>Ltd.  | DeepWater Tano.<br>CTP        | jul/06 |
| 9.  | Gasop Oil Gh. Ltd   | Offshore Saltpond<br>Basin    | jul/06 |
| 10. | Kosmos Energy<br>Gh. HC<br><br>Tullow Gh. Ltd.<br><br>Anardarko               | West Cape Three<br>Point      | jul/07 |
| 11. | Kosmos Energy<br>Gh. HC   | West Cape Three<br>Point      | fev/08 |

**Fonte:Elaboração Próprio**

O mais significativo das descobertas chegaram finalmente em 2007 com descobertas *Mahogany-1* e *Hyedua-1*. A descoberta do óleo *Mahogany-1* foi feita em junho, 2007. É situada aproximadamente 63km de Assini, da cidade litoral mais próxima, e do sudoeste de 132km da cidade portuária do Takoradi.

A descoberta do óleo do *Hyedua* foi feita em agosto 2007 aproximadamente 5.3km ao sudoeste de *Mahogany-1*.

O mais atrasado a adicionar à corda de descobertas de Gana é o *Odum-1* descoberta em fevereiro 2008. O poço de *Odum* é encontrado aproximadamente 13km leste do campo do *Jubilee*. É 51km do *coastline* e do sudoeste de 117km do porto de Takoradi.

### **III-III. Funcionamento do Mercado Petrolífero**

As petrolíferas que operam em Gana estão sujeitas a termos especiais. A Lei 64 de PNDC estabeleceu a Gana Corporação de Petróleo Nacional (GNPC) e fê-lo responsável por dirigir os recursos de petróleo de Gana. A Lei, na maior parte, explica a estrutura organizacional e o modo de operação de GNPC.

Além disso, a Lei de Produção e Exploração de Petróleo (a Lei 84 de PNDC) fornece as medidas regulatórias de exploração, desenvolvimento, e produção de óleo e de gás, em Gana. Essa mesma lei estabelece a relação contratual entre o estado, GNPC e o investidor nas operações de *Downstream*. Ela fornece os termos básicos e condições de cada acordo de Petróleo negociado e executado em Gana e explica os direitos e obrigações de cada partido ao Acordo, bem como sanções que podem ser aplicadas para qualquer violação de obrigações assumidas embaixo do Acordo de Petróleo.

Também, o Acordo de Petróleo define os parâmetros submencionados:

- Área de Contrato (Bloco), isto é, a área delineada onde as operações de petróleo podem ser executadas pela companhia de óleo (Investidor);
- Período de Exploração, isto é, o limite quanto a duração das operações de exploração.
- Programa de Trabalho, isto é, o montante definido do trabalho que se espera que o investidor realize na Área de Contrato durante o período de exploração.
- Preço do trabalho, isto é, o montante aceitado a ser expendido pelo investidor para executar o Programa de Trabalho, durante o período de exploração;
- Sanções, em caso do fracasso pelo investidor para realizar o seu programa de trabalho no tempo estipulado;
- Benefícios, que é o nível e a natureza de retornos do investimento a ser beneficiado pelos Partidos do Acordo de Petróleo

O Acordo de Petróleo autoriza GNPC a controlar efetivamente as operações da companhia de óleo e aplicar sanções pelo Ministério da Energia. A monitorização é feita por um Comitê de Gerenciamento Conjunto (JMC) que é estabelecido pelo Acordo de Petróleo, composto por um número igual de representantes de GNPC e o Investidor .

A Lei também provê que o Investidor abandona periodicamente, as áreas do bloco concedido em que ele não está trabalhando. Esta provisão da Lei é incorporada no Acordo de Petróleo para assegurar a sua aplicabilidade legal. O objetivo desta provisão é assegurar

que o Investidor não impede indevidamente as áreas do Bloco autorizado sob a aparência de seguir operações de petróleo. As áreas do Bloco que são abandonadas podem ser reempacotadas e alocadas para investidores interessados.

Em Gana, tanto a Lei de Petróleo como o Acordo de Petróleo exigem a aderência estrita às leis ambientais e regulações do país, especificamente, a lei de Agência de Proteção do Meio Ambiente, a lei 490 de 1994 e a Regulação de Avaliação Ambiental, LI 1652. Além do mais, o Acordo de Petróleo necessita a aderência estrita às melhores práticas ambientais de óleo internacionais. O Plano de Desenvolvimento no Acordo de Petróleo necessita que o Investidor explique nos mínimos detalhes claramente como ele pretende desenvolver o campo para minimizar o impacto negativo no ambiente. Isto tem de ser feito à satisfação de GNPC, o Ministério da Energia e a Agência de Proteção do Meio Ambiente antes que o Plano de Desenvolvimento possa ser aprovado.

### **III-IV. Os impactos da Indústria sobre a Economia Ganense**

O petróleo é a principal fonte de energia do mundo e Gana não é uma exceção. Junto com o gás natural, na verdade um subproduto da indústria do petróleo, ele alimenta mais de 60% das necessidades energéticas das maiorias dos países no mundo. Apesar do enorme esforço científico e tecnológico desenvolvido nos últimos 30 anos para encontrar fontes alternativas, ainda não foi encontrados fonte de energia, com custos comparáveis ao petróleo.

Por ser o recurso combustível mais flexível a disposição de Gana os derivados de petróleo são usados diretamente para energia térmica (em caldeiras industriais, na cozinha caseira, etc.) para todas as formas de transporte, para iluminação, e para gerar a mais importante fonte secundária de energia-a eletricidade. Em Gana, o que determina o uso dos derivados de petróleo ou não depende do seu custo e benefício em comparação com as outras fontes de energia. Como exemplo podemos citar que a gasolina pode ser substituída pelo álcool, o GLP (Gás de Cozinha) e o Diesel pelo gás natural.



| <b>Tabela: 12 Energéticos e Usos Finais</b> |                               |
|---|-------------------------------|
| Energéticos*                                | Usos Finais**                 |
| GLP (Gás de Cozinha)                        | Residencial                   |
| Diesel                                      | Transporte, Energia Elétrica. |
| Óleo Combustível                            | Energia Elétrica Indústria    |
| Querosene                                   | Residencial                   |
| Gasolina                                    | Transporte                    |
| Fonte: Elaboração Própria                   |                               |
| Notas:* Derivados de Petróleo               |                               |
| **Principais usos Finais                    |                               |

Dada a importância do petróleo para transformação físicas e químicas, é de extrema necessidade para a indústria moderna tornando-se até parte do produto acabada de algumas indústrias. O seu papel, principalmente do querosene no cumprimento da função de iluminar, especialmente nas regiões rurais onde a energia elétrica inexistente. Além disso, o uso de querosene ajuda a alfabetizar a população de aldeias bem como levar mudanças positivas nas relações sócias. Cerca de 50% da população Ganense depende dos derivados de Petróleo para a sua sobrevivência, considerando que o país continua tendo problemas com a eletricidade. A dependência dos derivados de petróleo é total e o país ficaria estagnado sem eles.

Na indústria, os produtos de petróleo são usados em alguns processos químicos para produzir plástico. A cera que é usada na embalagem de comida congelada e embalagem de blocos é um produto de petróleo. Os ácidos sulfúricos, que é um subproduto de enxofre retirado do óleo cru, é um produto químico industrial útil. O alcatrão é outro produto de petróleo que é usado no tratamento de doenças de pele, um agente de anticapa no xampu e como um componente em cosméticos.

Na relação entre a energia e a economia, “pode considerar a energia como o quarto fator de produção ao lado da terra, trabalho e do capital, pois como o capital sem trabalho é inútil, essa inutilidade também é visto quando não há energia”(Tanzer ,1972).

### **III.V-Gana e Doença Holandesa**

Desde o ano passado quando Acra anunciou a descoberta de campos de óleo *offshore* em sua costa ocidental, a sociedade civil, os burocratas, os acadêmicos, a indústria de óleo global e os ganenses ordinários debateram em como compartilhar justamente essa riqueza de óleo, para aliviar a pobreza que até então estava presente em todos os cantos do país.

O mais importante não é o fato que o óleo achado está aumentando sempre (dos 250 milhões barris iniciais para 600 milhão barris e aos 3 bilhões barris possíveis de projeções do crescimento de óleo) nem o fato que Gana no futuro poderia tornar um produtor de óleo no nível da Nigéria, o maior produtor africano. A lição é como a democracia emergente de Gana permitiu que seus cidadãos participassem abertamente e criticamente no debate do óleo sem medo ao contrário de outros estados africanos tais como a Guiné Equatorial. Fazendo assim, uma cultura da transparência e a contabilidade (as colunas chaves da democracia e do desenvolvimento).

É importante mencionar que existem duas condições básicas para que um país possa tirar proveito a partir da exploração dos recursos naturais e particularmente da exploração do petróleo : possuir uma indústria básica bem estruturada e com capacidade de absorção suficiente , e possuir mão de obra suficientemente qualificada a todos os níveis para dar resposta as exigências da industria petrolífera.

Gana não possui nem uma coisa nem outra e muito menos as duas. Perante esta situação a exploração do petróleo tem todo o caminho aberto para se transformar em um perigoso enclave para Gana .

Dado que a indústria do petróleo é extremamente intensiva, no que toca a utilização de capital e envolve grandes conhecimentos, habilidades e tecnologia de ponta, só os maiores atores, ou seja, as multinacionais (poder econômico) e os estados (poder político), o podem explorar.

O primeiro grande problema que se coloca diante essa descoberta, consiste precisamente das fragilidades institucionais e ausência de quadros experimentados para liderar com a complexidade da economia petrolífera.

O petróleo e a sustentabilidade econômica seria um cenário de muita coragem política. À vontade e determinação política neste cenário seriam preponderantes. As ações dos governantes seriam, desde o início, pautadas por uma eficiente e boa utilização dos

rendimentos do petróleo com um único objetivo: assegurar uma melhoria no nível de vida das populações e a sustentabilidade econômica futura do país. Uma boa governação e estabilidade política constituiriam o pano de fundo deste cenário de sustentabilidade econômica.

**Tabela:13**

| <b>Taxa de inflação</b> |  |                |                           |                           |
|-------------------------|--|----------------|---------------------------|---------------------------|
| <b>Ano</b>              | <b>Taxa de inflação (preços ao consumidor)</b> | <b>Posição</b> | <b>Mudança Porcentual</b> | <b>Data da Informação</b> |
| 2003                    | 14,50%   | 22             |                           | 2002 est.                 |
| 2004                    | 26,70%   | 9              | 84,14%                    | 2003 est.                 |
| 2005                    | 13,00%   | 206            | -51,31%                   | 2004 est.                 |
| 2006                    | 15,10%   | 210            | 16,15%                    | 2005 est.                 |
| 2007                    | 10,90%   | 193            | -27,81%                   | 2006 est.                 |
| 2008                    | 11,00%   | 196            | 0,92%                     | 2007 est.                 |

Fonte: CIA World Factbook ,Maio 16,2008

Como pode ser visto na tabela, a taxa de inflação de Gana é muito instável. Uma situação que aumenta a vulnerabilidade do país no mercado mundial. Além disso, a moeda Ganense ficou muito desvalorizado por muitos anos até recentemente quando a banco central Ganense reduziu o valor da moeda artificialmente. Alguns vinte anos atrás o valor do cedi em relação ao dólar era muito grande. Um dólar americano era equivalente a dez mil cedís de Gana . Essa situação fez com que a moeda local perdesse todo o seu valor .Porém essa situação mudou em 2007 quando ‘os zeros’ da moedas foram ‘cortados’ e a moeda hoje está quase igual à moeda americano em valor nominal

Tendo em conta a volatilidade dos preços que caracterizam a economia do petróleo, seria muito importante considerar com muita atenção os instrumentos de cobertura de riscos, assim como os mecanismos de estabilização para a gestão dos

rendimentos do petróleo. A luta contra a corrupção e contra a prática de *rent seeking* constituiria um dos pilares mais fortes de escapar da doença Holandesa..

As insuficiências e carências que se registram hoje no país não levam a acreditar que esteja para breve a implementação de um cenário econômica preparada a levar ao bom aproveitamento desse recurso.

## CONCLUSÃO

Apesar de alguns estudiosos não considerarem a indústria do Petróleo como necessariamente fonte de desenvolvimento econômico nos países subdesenvolvidos exportadores de petróleo, é inegável que o simples acesso a grandes fontes de petróleo foram por muito tempo um privilégio altamente estratégico e que sua posse representava uma condição de poder global nos anos 70. Temos casos como da Opep, México e Angola em que o “setor nacional de petróleo bruto” lidera ou liderou o desenvolvimento econômico.

Só a Nigéria e Angola representam quase quatro milhões de barris por dia (quase metade da produção africana) e só as companhias americanas de petróleo investiram mais de 40 mil milhões de dólares na região na última década (com outros US\$ 30 mil milhões esperados entre 2005 e 2010). Entre 1995 e 2001, o influxo de IDE aumentou para US\$ 7 mil milhões por ano, mas quase dois terços da carteira foram destinados a três países (Angola, Nigéria e África do Sul, nos quais o IDE em petróleo representava 90% de todo o IDE.). Metade dos estados africanos não recebeu efetivamente nada. Dois terços do IDE vinham dos mesmos três países (Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos) que dominavam o fornecimento de IDE em 1980. Segundo o *World Investment Report* (2005), o IDE a África é atualmente de US\$ 18 mil milhões.

A maldição dos recursos naturais não é sempre uma afirmação de que a abundância de recursos naturais é sempre ou inevitavelmente ruim para o crescimento econômico de um país. Há histórias fortes de desenvolvimento bem sucedido com base em recursos naturais, incluindo os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e Noruega.

Gana tornará um país produtor de óleo até 2010. O país, entretanto é guiado pelas experiências dos países já produzindo óleo, especialmente aquele do continente africano.

Estima-se que, entre 1996 e 2004 descobertas do óleo e do gás de América do Sul e de África sozinho totalizou 59 bilhão barris de óleo, mas lamentavelmente essas riquezas não pareceram ter beneficiado a maior parte da população.

O Gnpc e o governo Ganense tem que assegurar os melhores planos de desenvolvimento para conseguir o máximo possível de óleo e gás. Devem criar o ambiente preciso politicamente e socialmente para alcançar seu alvo de produzir cerca de 200,000 barris de óleo até 2012.

Embora o petróleo desempenhar um papel importante na determinação de desenvolvimento econômico e político, Gana até recentemente não tem sido capaz de atingir esse objetivo devido á falta de competência dos governos, bem como admitir que vários desses governos obtêm remessa suficiente dos arranjos atuais para suas necessidades pessoais assim sem interesse algum em qualquer mudança fundamental no país.

O Gana tem que olhar para as estruturas internas para assegurar que a riqueza petroleira chega ao homem comum. Sabendo da importância que o regime fiscal tem na indústria do petróleo e o fato de que impostos elevados podem desestimular o desenvolvimento de novos campos pelos empresas estrangeiros, o Governo Ganense terá que adotar políticas de incentivos para atrair companhias que quiserem instalar no país.

Bem como os países ricos em recursos naturais, Gana tem a principal responsabilidade de garantir que os governos recebem o máximo possível por seus recursos e utilizam os fundos para melhorar seu bem estar por um longo período. Assim poderia mudar sua estória e tornar-se um Noruega na África em vez de uma outra fonte de desigualdade, corrupção e má administração de recursos como já existe no continente.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABRAMOVITZ, M., 1986. "Catching Up, Forging Ahead and Falling Behind." **Journal of Economic History** 46(June): 385-406.

AIZENAMAN, J., PINTO, B. (Eds), 2005. "Managing Economic Volatility and Crises." **A Practitioner's Guide**. Cambridge University Press, Cambridge

ALBIZZATI, L. 1997. **Os Acordos de Cooperação e o novo modo ambiente econômico da indústria de petróleo**. Rio de Janeiro: IE/UFRJ (Monografia de Graduação em Economia)

AUTY, R. 2001. "The Political Economy of Resource-Driven Growth." **European Economic Review** 45(4-6): 839-46

BARRO, R., 1991 "Economic Growth in a Cross Section of Countries." **Quarterly Journal of Economics** 106(May): 407-430

BOUDREAUX, K., 2004. **From Curse to cure**. George Masons University Center Publication.

BRITO Marcelo, H., 2005. **Maior Exploração de Recursos Naturais Causa desindustrialização? O Caso Holandês**.

COBB, C., PAUL, H. 1928. "The theory of Production." **American Economic Review** 18(March): 139-165

EIU (Economic Intelligence Unit). 2002. Country Report: Gabon. September. London

**ENERGY Information Administration**, 2005 Chad and Cameroon: Country analysis

**ENERGY Intelligence**: URL: [www.eia.doe.gov/emeu/cabs/chad\\_cameroon/oil.htm](http://www.eia.doe.gov/emeu/cabs/chad_cameroon/oil.htm)

EVOH, C., 2002. Gas Flares, Oil Companies and Politics in Nigeria, **Urhobo Historical Society**. URL: [www.waado.org/environmental/oilcompanies/GasflaresPolitics.htm](http://www.waado.org/environmental/oilcompanies/GasflaresPolitics.htm)

FRIEDMAN, M., 1992. "Do old Fallacies ever die." **Journal of Economic Literature** 30 (December): 2129-32.

**GHANA National Petroleum Company**, 2008.URL:www.gnpcghana.com

GONÇALVES JÚNIOR, O., A indústria de petróleo:**Um estado sobre as atividades upstream** .Rio de Janeiro:IE UFRJ (Monografia de Graduação em Economia)

GONÇALVES, R., 1992. **Empresas transnacionais e internacionalização da produção**.Vozes.Rio de Janeiro.

HILL, C., 1991. Managing Commodity Boom in Botswana. **World Development**, 1185-1196.

IEA.**INTERNATIONAL ENERGY AGENCY**, 2004. "Oil Crises and Climate Challenges: 30 years of energy use in IEA Countries." International Energy Agency, OCDE.

ILO, 2002.**Oil and Gas Production: Oil Refining**:URL:www.ilo.org/public//english/dialogue/sector/sectors/oilgas.htm

**IMF (International Monetary Fund)**. 2002. "Gabon: Selected Issues and Statistical Appendix." Country Report 02/94. Washington, D.C

KARL, T .L, 1997. **The Paradox of Plenty: Oil Booms and Petro-States** Berkeley: University of California Press

KITE, 2003.Energy use, energy supply, sector reform and the poor in Ghana. Report **Kumasi Institute of Technology and Environment (KITE)**, Ghana.

KULKE, H., 1995.Nigeria.**Regional Petroleum Geology of the World**. Part II: Africa, America, Australia and Antarctica.pp.143-147.

LIESMAN, S., 2000. Petróleo em alta não desperta inflação: Mais países pobres estão menos imunes que os EUA ". **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. (março):pp15.



MANZANO, Osmel, and Robert R. 2001. Resource Curse or Debt Overhang? NBER Working Paper 8390. Cambridge, Mass.: **National Bureau of Economic Research**

MBENDI, 2005.Oil and gas Industry: **Exploration and production upstream.**  
URL:www.mbendi.co.za/indy/oilg/ogus/af/ca/p0005.htm

**Organization of the Petroleum Exporting Countries (OPEC)** [Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP)] URL:www.opec.org

**Oxford Institute for Energy Studies:** URL: www.oxfordenergy.org/index.php

PINTO, B., 1987. “Nigeria during and after the oil boom: a policy comparison with Indonesia”. **World Bank Economic Review:** 419-445.

PINTO JUNIOR,H.,2007.A dinâmica concorrencial na industria petrolifera mundial:Implicações para o Brasil.**Boletim de conjuntura** n.1,v.17.IE/UFRJ

REVISTA **África Hoje.Lisboa** ,Junho de 1998,ano XIV n.118.

ROED Larsen, E. (2003): **Are Rich Countries Immune to the Resource Curse? Evidence from Norway’s Management of Its Oil Riches**, Discussion Paper 362, Oslo: Statistics Norway

ROED Larsen, E. (2004): Escaping the Resource Curse Disease? **When and why Norway caught up with and forged ahead of its Neighbors**, Discussion Paper 362, Oslo: Statistics Norway

SACHS, Jeffrey, and Andrew W. 2001. “The Curse of Natural Resources.” **European Economic Review** 45 (4-6): 827–38.Brookings Papers on Economic Activity 1:1-118

SOLDELING, L. “Escaping the Curse of Oil? The Case of Gabon.” **IMF Working Paper WP/02/93.** Washington, D.C.

TANZER,M.,1971.Os trustes petroliferos e os países subdesenvolvidos.**Civilização brasileira**,Rio de Janeiro.

———. 2000. **African Development Indicators 2000**. Washington, D.C.

———. 2000. Human Development Report 2000: **Human Rights and Human Development**. New York: Oxford University Press.

YATES, Douglas A. 1996. The Rentier State in Africa: **Oil Rent Dependency and Neo-colonialism in the Republic of Gabon**. Trenton, N.J.: Africa World Press

Wikipedia, 2008. **Overview of Angola**. URL: [en.wikipedia.org/wiki/angola.htm](http://en.wikipedia.org/wiki/angola.htm)

Wikipedia, 2008. **Overview of Gabon**. URL: [en.wikipedia.org/wiki/gabon.htm](http://en.wikipedia.org/wiki/gabon.htm)



This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.